

RESENHA

APRENDIZAGEM ATIVA: Idéias para o apoio às primeiras aprendizagens

ANA BEATRIZ ROCHA LIMA ¹

O currículo do modelo High Scope para a educação infantil é um sistema aberto de idéias e práticas educacionais baseado no desenvolvimento espontâneo das crianças proposto inicialmente por Weikart e colaboradores na década de 60. Hoje, a Fundação de Pesquisa Educacional High Scope responsabiliza-se pela formação de educadores conforme o currículo High Scope, pelo desenvolvimento de pesquisas que envolvem este currículo, promove atividades, produz materiais para apoiar a divulgação e expansão do programa High Scope. Este modelo tem sido utilizado nos Estados Unidos da América e em vários outros países.

O livro *Aprendizagem Activa* traz informações para subsidiar a implementação do currículo High Scope para a educação infantil. Nele, são abordadas estratégias para o trabalho com crianças, sugestões para a organização do ambiente físico e da rotina diária de forma a promover o desenvolvimento e a aprendizagem infantil. As informações dirigem-se tanto para quem deseja conhecer as estratégias deste modelo, como para aqueles que já estão familiarizados com este currículo. O conteúdo do livro traz contribuições que podem ser utilizadas por instituições que atendem diferentes populações, subsidiando a organização dos ambientes.

O conteúdo é apresentado em sete capítulos escritos com a colaboração de diversos autores. Cada capítulo apresenta um aspecto importante para o currículo High Scope: (1) apoio à aprendizagem ativa; (2) as experiências-chave para o desenvolvimento da criança; (3) a rotina diária; (4) organização do ambiente para a aprendizagem; (5) trabalho, planejamento e avaliação em equipe; (6) ligação entre os diversos ambientes e programas que fazem parte da vida da

¹ Professora do Curso de Psicologia e Mestranda do Programa de Mestrado Acadêmico em Educação da UNIVALI.
E-mail:
xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

criança; (7) sugestões frente às questões mais presentes para a adoção e manutenção do currículo High Scope.

No primeiro capítulo são apresentadas seis sessões elaboradas por vários autores preocupados em relatar experiências desenvolvidas para apoiar a aprendizagem ativa da criança. São apresentados dois temas recorrentes: as experiências devem tornar a criança capaz de construir seu próprio conhecimento e estas experiências de aprendizagem devem ser ativas. O outro tema refere-se ao tipo de apoio fornecido pelo adulto: o papel do adulto é de apoiar o processo de aprendizagem.

Na primeira sessão, Mark Tompkins, através da comparação de duas atividades comuns na educação infantil, explora os elementos necessários para uma aprendizagem ativa, o que constitui um dos objetivos fundamentais do currículo High Scope. Estes elementos são: as escolhas que a criança é capaz de realizar; a variedade de materiais disponíveis; a maneira como as crianças manuseiam os objetos e materiais; e o tipo de linguagem e de apoio utilizados durante as atividades realizadas. Estes aspectos indicam alguns benefícios da aprendizagem ativa como a possibilidade da criança desenvolver auto-confiança e independência ao tomar decisões e resolver problemas apoiada pelo professor, de acordo com seus interesses e necessidades.

Na segunda sessão, Mary Hohmann apresenta os cinco elementos-base para o desenvolvimento social na abordagem High Scope: a confiança, a autonomia, a iniciativa, a empatia e auto-estima por intermédio de ambiente apoiante. A partilha no controle das atividades e apoio coerente e contínuo do adulto constitui-se também em um elemento essencial dos ambientes que estimulam a socialização das crianças. Assim, é possível estabelecer uma relação transparente entre as crianças e os adultos, abrindo espaço para o diálogo.

Amy Powell, na terceira sessão – *Reagir e corresponder*, conceitua interação como “o diálogo verbal ou não-verbal que surge quando os adultos brincam ou comunicam com as crianças” (p.27). Esta interação dos adultos com as crianças desempenha um papel fundamental na aprendizagem e desenvolvimento da criança. Portanto, ressalta o estilo de interação orientado para a criança, ou seja, os adultos reagem de forma adequada às ações das crianças, atendendo suas necessidades e interesses, conforme o seu nível de compreensão.

Na quarta sessão: *Auxiliar as crianças a tratarem de si próprias*, Michele Graves e Ruth Strubank abordam estratégias preventivas que auxiliam a criança a tomar consciência das suas próprias ações e a explorar alternativas para a resolução de conflitos. Ao apresentar técnicas para lidar com problemas de comportamento, as autoras arrolam várias estratégias para superar as dificuldades.

Educação multicultural; o que é e como aplica-la: nesta quinta sessão, Bonnie L. Freeman e Marilyn A. Jacobson consideram que é fundamental, sobretudo, para as crianças que vivem em ambientes homogêneos, a consciência das diferenças culturais. A abordagem High/Scope se preocupa em valorizar a identidade da criança como membro de diversos grupos (família, classe social, cultura, raça, etc.), além de promover a consciência e a sensibilidade multicultural do professor e de sua equipe.

Na última sessão do capítulo I – *Crianças “especiais”*: como aproveitar os seus pontos fortes, Mark Tompkins defende a possibilidade de se organizar um ambiente

de aprendizagem para as crianças com necessidades especiais com muitas possibilidades de escolha, quanto à disponibilidade de materiais e tipos de atividades. Desta forma, sinaliza as necessidades das fases de desenvolvimento em que se encontram estas crianças, e demonstra um exemplo de criança com síndrome de Down e a aplicação da abordagem High Scope.

Enquanto o primeiro capítulo concentra-se no processo, o segundo capítulo aborda, em seis sessões, o conteúdo para o desenvolvimento das experiências-chave. As experiências-chave definem os tipos de conhecimento que as crianças adquirem ao interagir com os vários materiais, pessoas e idéias a que estão expostas.

Na primeira sessão do capítulo II, *Experiências-chave: principais aspectos do apoio ao despertar de capacidades nas crianças em idade de infântario*, Mary Hohmann discorre sobre os quatro grupos em que estão organizadas as experiências-chave: socialização; representação e linguagem; classificação e noções de seqüência, números, espaço e tempo; e desenvolvimento físico. Para cada grupo destas experiências, descreve um conjunto de atividades que demonstram engajamento da criança com o ambiente.

Bettye McDonald em, *Comunicação: porque é tão importante no curriculum High/Scope*, expõe que a comunicação natural entre o educador e a criança é a chave do fortalecimento e alargamento das capacidades de linguagem infantil e, para tanto, a atitude dos professores é fundamental. McDonald lista uma série de pontos importantes para a comunicação como por exemplo, adequação dos comentários conversas e perguntas ao nível de desenvolvimento da criança.

Pronto! As crianças já sabem escrever, na terceira sessão deste capítulo, Jane Maehr explica que as crianças, nas composições que são capazes de realizar, vão tomando consciência da utilidade da escrita mesmo antes de aprenderem completamente as regras da escrita e leitura. Finaliza com o exemplo de duas crianças com idades de quatro e cinco anos, demonstrando a alfabetização numa abordagem desenvolvimentista.

Na quarta sessão, *Tornar a aprendizagem da matemática um processo natural*, Sam Hannibal relata atividades vividas por crianças exemplificando com uma experiência de matemática adequada para estimular o desenvolvimento, reconhecendo oportunidades para aprender noções pré-matemáticas.

Em *Experiências de movimento: necessárias, mas negligenciadas* – Phyllis S. Weikart analisa algumas variáveis que interferem nas experiências de movimento: as crianças de hoje assistem mais televisão; diminuição na quantidade de irmãos na família, falta de locais na vizinhança que permitam experiências de movimento e desconhecimento sobre a tipologia de movimentos pertinentes a cada grupo etário. Apresenta atividades de cadência que ensina a noção de tempos, que é fundamental para a aquisição de outras aptidões.

Na última sessão do capítulo II, *Música e movimento na rotina diária*, Ruth Strubank descreve experiências nas quais a música e o movimento auxiliam nos momentos de transição das atividades da rotina diária: boas-vindas; planejamento; trabalho; arrumações; recordar; lanche; roda; atividades em pequenos grupos e transição.

No capítulo III, a preocupação está em estruturar uma rotina diária previsível, que estimule aprendizagens significativas e o desenvolvimento infantil. Seis sessões formam este capítulo. Na primeira, Michelle Graves enfoca a importância do planejamento feito pelas próprias crianças que as ajuda a entender que têm participação e responsabilidade pelos acontecimentos e atividades ocorridos no ambiente. Oferece também sugestões para este planejamento. Em seguida, Mary Hohmann complementa abordando as múltiplas faces deste planejamento feito pelas crianças, com níveis de complexidade, ritmo e morfologia diferenciados.

Mark Tompkins explica que a rotina diária deve propiciar períodos para recordar para auxiliar a criança a refletir sobre suas próprias ações. Isto é parte do planejamento para a aprendizagem ativa. Na sessão seguinte, os autores, Bonny Lash Freeman, Mary Hohmann e Susan M Terdan discorrem sobre o planejamento de uma rotina diária para centros de acolhimento diurno, de forma a oferecer atividades que estimulem a aprendizagem ativa, bem como o tempo necessário para tais atividades. Na quarta sessão, Charles Hohmann e Jane Maehr sugerem um planejamento para um dia de atividades de um jardim de infância e ressaltam a necessidade de flexibilidade na rotina diária. Na última sessão do capítulo III, Warren Buckleitner e Susan Terdan apresentam um exemplo de uma rotina específica dirigida a um grupo específico de crianças e destinado a um dia específico – o primeiro dia de atividades.

O quarto capítulo apresenta cinco sessões, cujo tema é a preparação do ambiente para a aprendizagem ativa, organizando-o em áreas bem definidas e com farta disponibilidade de materiais. Na primeira sessão, *Ambientes para aprendizagem ativa*, Ann Rogers faz algumas considerações sobre a organização do ambiente e ressalta a importância do papel dos adultos em definir o espaço localizando áreas propícias para o desenvolvimento de jogos que estimulem a aprendizagem ativa; selecionando os materiais adequados para tais atividades; e que estimule gêneros diferentes de jogos para as crianças. Isto é demonstrado a partir de exemplos vividos na escola-modelo High/Scope.

Freeman e Brunson demonstram que é possível aliar o trabalho realizado pelas amas em um ambiente do tipo doméstico aos princípios básicos do High/Scope: princípios de organização da sala, rotina diária, instrumentos de avaliação e participação dos pais, como por exemplo, a criação de um painel de forma a fornecer informações relevantes sobre a rotina da criança. Além disso, desmistifica as crenças errôneas sobre a utilização desse currículo no que tange que ao custo dos materiais.

O recreio: aprendizagem num ambiente exterior, na terceira sessão, Vincent Harris sugere a utilização do espaço exterior também como recurso para a aprendizagem ativa, pois é possível explorar uma grande variedade de elementos da paisagem e da vida vegetal. Outro aspecto considerado refere-se aos materiais e equipamentos, como as estruturas fixas e materiais soltos nas zonas de recreio, chamando a atenção para a segurança de equipamentos e materiais disponíveis para as crianças. A planta baixa da área externa necessita de planejamento para oferecer espaços delimitados para o desenvolvimento das brincadeiras.

Buckleitner e Hohmann, na quarta sessão, *Blocos, areia, tinta... e computadores*; relatam o uso do computador e softwares como um recurso possível para os educadores estimularem aprendizagens, e ressaltam a importância de programas de computador de qualidade. Na última sessão deste capítulo, Ann Rogers revela que ambientes multiculturais permitem que a criança examine seus sentimentos em relação às diferenças humanas e ressalta a importância, para a promoção da consciência multicultural, da disponibilização de materiais, como livros, fotografias, desenhos e bonecos que descrevam a maior variedade possível de culturas.

O quinto capítulo, intitulado *O trabalho em equipe: observar as crianças, planejar em equipe, avaliar*, está dividido em seis sessões. Este reflete a preocupação constante entre os educadores de como otimizar o trabalho em equipe.

Nas duas primeiras sessões, Buckleitner, Lash e Greene sugerem estratégias pontuais de maneira que a equipe compartilhe e avalie regularmente o trabalho realizado pela própria, utilizando como base para a coesão da equipe o próprio currículo High/Scope. Repartir e distribuir as responsabilidades na equipe contribui para o processo de planejamento e uma boa divisão de trabalho.

Mary Hohmann, na terceira sessão – *Observar e analisar: porque é tão importante, tanto para o educador como para as crianças*, assinala que a observação propicia apoio continuado a crianças e adultos, estimula o trabalho em equipe e encoraja os adultos a concentrarem-se no currículo. Além disso, descreve princípios para a observação e análise através de exemplos de histórias verdadeiras.

Mark Tompkins, nas duas sessões seguintes, *Avaliar: um sistema que trabalha para si, não contra si* e *Planos de aulas orientados para as crianças*, ressalta que, a partir das observações circunstanciais e registros destas observações, é possível avaliar o nível de desenvolvimento da criança e auxiliar a identificação das necessidades de ensino e formação. O professor, ao identificar tais necessidades, é capaz de fazer um planejamento orientado conforme o interesse das crianças, como por exemplo, a escolha de um tema específico, apontado pelas crianças, para elaboração do planejamento da semana.

No último texto desse capítulo, *Como começar: o primeiro dia do resto do ano*, Buckleitner e Terdan explicam vários passos do planejamento eficaz feito pela equipe High/Scope para preparar a abertura do ano escolar de uma escola de educação infantil, ressaltando os princípios básicos do currículo.

O sexto capítulo apresenta quatro sessões, cuja temática está no intercâmbio entre o programa High/Scope e os vários ambientes dos quais a criança está inserida, sobretudo, o desenvolvimento de contatos com os pais. A sessão de abertura, *Continuidade: fazer a ligação com outros ambientes*, Ed Greene ressalta a necessidade de organizar os momentos de transição entre os ambientes de que a criança participa com a finalidade de estabelecer uma continuidade em relação aos procedimentos adotados com as crianças. Repassar e recolher informações com os pais, ou quem mais acompanha o desenvolvimento infantil é fundamental para promover esta continuidade entre tais ambientes.

As sessões seguintes, *Obter a participação dos pais: um esforço importante* e *Obter a participação de pais muito ocupados*, ambos autores Jacobson e Olmsted, corroboram

a idéia de se estabelecer uma ligação entre os ambientes que a criança participa. O estabelecimento dos passos, (1) definir objetivos, (2) organizar as atividades, (3) fazer uma avaliação e (4) possibilidades de reajuste, consistem numa eficaz estratégia para se obter a participação dos pais. Além disso, exemplificam com alguns passos para envolver os pais ocupados fora do horário escolar com as atividades desenvolvidas pelos filhos, demonstrando o apreço desta colaboração.

Na última sessão deste capítulo, *Jardim de Infância: espinhos no “Jardim das crianças”?*, Jane Maehr apresenta várias publicações úteis para educadores e responsáveis de jardins de infância enfrentarem as dificuldades encontradas frente as discrepâncias entre programas curriculares, quando as crianças saem da educação infantil, e entram para o ensino fundamental.² Também defende a utilização da abordagem High/Scope pode resolver algumas dessas dificuldades.

O último capítulo do livro destina-se às respostas para perguntas práticas feitas por educadores ao longo dos anos durante a implantação e desenvolvimento do currículo High/Scope. Os autores dos artigos acima citados respondem as dúvidas mais freqüentes em relação aos princípios fundamentais do currículo: orientação do comportamento das crianças, papel das experiências-chave no desenvolvimento das crianças, rotina diária, organizar e equipar a sala, acolhimento diurno, observação da criança, planejamento em equipe, e desenvolvimento do pessoal educativo.

O currículo High/Scope concebe a criança como um aprendiz ativo, cuja aprendizagem acontece mais eficazmente se a própria criança planejar, realizar e refletir sobre a sua ação e apoiadas pelos adultos. O adulto mantém uma rotina diária, observa, oferece suporte e organiza áreas que permitam a criança a planejar, realizar e refletir sobre suas próprias atividades. Este livro consiste num excelente material para auxiliar educadores a compreender como desenvolver atividades em salas com crianças entre 0 e 6 anos que lhes permitam fazer escolhas de acordo com seus interesses, resolver problemas e engajar-se em atividades que contribuam para o desenvolvimento intelectual, social, físico e emocional. Demonstra também como o adulto pode encorajar a criança a participar de experiências, consideradas nesta abordagem como experiências-chave, que são centrais para o desenvolvimento de habilidades.

Referência

BRICKMAN, N. A.; TAYLOR, L. S. **Aprendizagem Activa**: Serviço de Educação. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa, Portugal, 1996.

_____. **Supporting Young learners** – ideas for preschool and day care providers. High/Scope Education Research Foundation. 1991 USA

² O artigo por se tratar de uma realidade americana nomeia as séries diferentemente do Brasil, o que corresponde a passar da educação infantil para o ensino fundamental.